



## Estudos Semióticos e Topofilicos na Obra O Sermão da Selva, de Max Carpentier.

CUNHA, Marcos Rogério Alves<sup>1</sup>

OLIVEIRA, Manoel Domingos de C.<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como título “*Estudos Semióticos e Topofilicos na Obra O Sermão da Selva, de Max Carpentier*”, visou uma análise semiótica e topofílica na obra O Sermão da Selva. O referencial teórico usado à luz de TUAN (2012 ; 2005), CHARAUDEAU e MAINGUENAU (2008) e FIORIN (2002). O objetivo primordial se deu na análise do discurso literário na obra O Sermão da Selva, de Max Carpentier, numa pesquisa que descrevesse as preocupações sociais e ambientais do ser humano, neste caso, do homem amazônico, através de descrições dos elementos topofilicos presentes nas ações e no espaço amazônico. O trabalho se justificou devido esse novo olhar no texto através da Análise do Discurso, que aprofunda o debate sobre a importância dessas preocupações sociais e ambientais do ser humano. A metodologia utilizada para esse respeito foi o estudo mediado por uma pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa. Desse modo, afirma Lakatos e Marconi (2014, p. 43-44), que a pesquisa bibliográfica “*trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas publicações avulsas e imprensa*”, foi uma escrita do método indutivo, que apresentou linguagem metafórica e constituiu-se em propor um trabalho diferenciado neste artigo. Através do estudo do percurso gerativo do sentido na semiótica e da topofilia, observou-se a importância para verificar e compreender os conceitos que nem sempre são abordados ou percebidos em um texto literário, se este for tratado de modo isolado. Esse estudo foi envolvido, através de uma leitura analítica e reflexiva, e demonstrou as várias oposições sociais, ambientais, pessoais e culturais que apareceram nos textos da obra em estudo.

**Palavras chave:** Semiótica, Topofilia, Análise do discurso e Max Carpentier.

### SUMMARY

This article is entitled "Semiotic and Topofilic Studies in the Work The Sermon of the Jungle by Max Carpentier", aimed at a semiotic and topofílica analysis in the work The Sermon of the Jungle. The theoretical reference used in the light of TUAN (2012), TUAN (2005), CHARAUDEAU and MAINGUENAU (2008) and FIORIN (2002). The primary objective was research through research that showed the social and environmental concerns of the human being, in this case, the Amazonian man pointed in O Sermão da Selva, by Max Carpentier. In addition to being able to describe what topofilic elements are present in Amazonian actions and space. The work was justified by the importance of these social and environmental concerns of the human being. The methodology used in this respect was the study mediated by a bibliographical and qualitative research. Thus, according to Lakatos and Marconi (2014, p. 43-44), the bibliographical research "is a survey of all the bibliography already published, in the form of books, journals and press", was an inductive method, which presented metaphorical language and constituted in proposing a differentiated work in this article. The study showed that, through semiotics, information could be extracted that often goes unnoticed by people in front of an image, such as ideologies, cultures, speeches, among others. Through the study of the generative path of meaning in semiotics and top-philology, it was observed the importance to verify and understand the concepts that are not always approached or perceived in a literary text if it is treated in isolation. This study was involved through an analytical and reflexive reading and demonstrated the various social, environmental, personal and cultural oppositions that appeared in the texts of the work under study.

**Key words:** Semiotics, Topofilia, Discourse analysis and Max Carpentier.

---

<sup>1</sup> Discente graduando em Letras UEA/CEST . E-mail: marcosrogerioalvescunha@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Prof. Orientador MSc. em Ciências da Cultura – UTAD, PT. Pesquisador da UEA/CEST Ensino, Linguística e Análise do Discurso. Doutorando em Estudos Literários e semióticos. UTAD-Portugal

## INTRODUÇÃO

O discurso é um ato de expressão e de situações de linguagem de todo falante em qualquer campo social, linguístico, histórico ou cultural. Tendo em vista a análise semiótica e topofílica realizada na obra *O Sermão da Selva*, este artigo buscou compreender, pelas análises do discurso nos dois primeiros níveis do percurso gerativo do sentido, a importância das preocupações sociais e ambientais do ser humano, neste caso, do homem amazônico, demonstrando as várias oposições sociais, ambientais, pessoais e culturais que aparecem nos textos da obra em estudo.

A pesquisa realizou-se em uma análise da obra, através da semiótica Greimasiana, ao conceber e descobrir, no seu plano de conteúdo, os elementos da análise do discurso, e como se dá o percurso gerativo, nos dos primeiros níveis “fundamental” e “narrativo”. A noção do percurso gerativo do sentido vai dos mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto.

No primeiro nível, que é o fundamental ou das estruturas fundamentais, surge à significação como uma oposição semântica mínima, sendo “eufórico/positivo e disfórico/negativo”; e no segundo nível, que é o narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se as narrativas, do ponto de vista de um sujeito, ou seja, “conjunção/bem e disjunção/mal”.

A análise a luz da semiótica revelou essa valorização a natureza como nos mostra o título da obra “O sermão”, dando um entender a um ensinamento para que se cuide ainda mais da selva.

Esse estudo está estruturado em partes para a melhor compreensão do leitor. Na primeira parte, foi apresentado a fundamentação teórica e os principais autores que abordaram e embasaram a linguagem semiótica com os níveis do percurso gerativo do sentido. A segunda parte sobre o percurso da literatura a topofilia. Além disso, pôde-se descrever quais os elementos topofílicos presentes nas ações e no espaço amazônico.

Buscou-se, como objetivo geral, além de analisar os elementos do percurso gerativo do sentido e da Topofilia na Obra *O Sermão da Selva*, de Max Carphentier na literatura amazonense, evidenciar o sentimento topofílico de apego ao lugar em relação à obra.

Na Obra de Max Carphentier, observou-se uma exaltação a natureza de forma explícita, ou seja, é uma preocupação do eu-lírico em chamar a atenção à preservação pelo apego ao lugar. E também a preocupação com o desmatamento exagerado da natureza e o crescimento do deserto a se expandir na floresta.

Na terceira parte, foi abordado a percepção e a intertextualidade na pesquisa, e pôde-se verificar a ligação com o sagrado da Bíblia no livro de Mateus nas sagradas escrituras que diz: “Bem-aventurados os humildes de espíritos, pois deles é o Reino dos céus” (ALMEIDA, 1993, p. 1027), em que reflete os ensinamentos de Jesus para com o povo para respeitarem e verem as benfeitorias com a obediência. Em quarto lugar a metodologia optou pelo método indutivo e com a pesquisa bibliográfica que foi fundamental e serviu de instrumento no projeto. A abordagem foi fenomenológica com pressuposto qualitativo e por fim, apresentou linguagem metafórica.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.2 LINGUAGEM SEMIÓTICA E O PERCURSO DISCURSIVO

O homem está sempre em contato com outro, com seus anseios e sua própria linguagem, através da linguagem verbal, o discurso verbal. Nesse sentido, é necessário compreender essa relação homem/linguagem/discurso.

A linguagem abrange o fazer humano em várias áreas. A literatura, como cultura e linguagem, faz parte da vida humana, e como discurso próprio pode nos levar a entender a realidade. Mas o que é discurso? Quais os elementos do discurso para que se possa adentrar numa compreensão do texto literário com melhor visibilidade?

Para Gardiner *apud* Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 168), “discurso é a utilização, entre os homens, de signos sonoros articulados, para comunicar seus desejos e opiniões sobre as coisas”. Nesse ponto de vista, a fala textual é um discurso no qual, o autor está inserindo conclusões sobre algum tema. Pelo posicionamento do autor no texto e no contexto, compreende-se seu objetivo.

Para Ducrot *apud* Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 171), “o discurso é contextualizado. (...) não se pode, de fato, atribuir um sentido a um enunciado fora do contexto. Além disso, o discurso contribui para definir seu contexto e pode modificá-lo durante a enunciação”. Na literatura, aliás, no texto literário, há elementos que marcam uma trajetória de sentidos, daí a necessidade da contextualização. De acordo com Barros (2005) em relação à noção de texto, como um todo enunciado. Ela propõe dois campos analíticos para se desvendar os sentidos de um texto, pois cada texto é objeto de análise. Por um lado, há o texto como “objeto de significação”, ou seja, estudam-se os processos e estruturas do texto numa “análise interna”; por outro, há o texto como “objeto de comunicação”, ou seja, relaciona-se ao entendimento do ou de um contexto social ou histórico. A semiótica do texto nos leva a compreender trajetórias e contextos socioculturais.

Com essas e outras teorias a pesquisa foi desenvolvida com a análise da semiótica no contexto da Obra de Max Carpentier, pois a semiótica está presente no nosso dia a dia, sem que necessariamente tome-se consciência disso. É base para uma série de conjecturas sobre o mundo que nos rodeia. Ela é cada vez mais utilizada nas mais diversas áreas do campo da literatura. Para Santaella (2005a, p. 07), a semiótica é a ciência dos signos:

O nome semiótica vem da raiz grega semeion, que quer dizer signo. Semiótica, portanto, é a ciência dos signos, é a ciência de toda e qualquer linguagem [...] A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo

e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido. (SANTAELLA, 2005a, p. 07).

A semiótica busca entender e compreender como o ser humano consegue interpretar as coisas, principalmente o ambiente que o envolve. Desta forma, ela estuda como o indivíduo atribui significado a tudo o que está ao seu redor. Os objetos de estudo da semiótica são extremamente amplos, consistindo em qualquer tipo de signo social, por exemplo, seja no âmbito das artes visuais, música, cinema, fotografia, gestos, religião, moda, etc. Quase tudo o que existe pode ser analisado a partir da visão semiótica, visto que para que algo exista na mente humana, esta coisa precisa ter uma representação mental do objeto real. Esta condição já faz de tal objeto, por exemplo, um signo que pode ser interpretado semioticamente. Para entendermos melhor,

A semiótica é a ciência que tem por investigação o objeto de todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação. (SANTAELLA, 2007, p. 14).

Isto é, se alguma coisa significa algo para alguém, tudo se torna signo, partindo das coisas mais díspares até as mais complexas, e a semiótica tem a função de "classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis" (SANTAELLA, 2007, p. 29). Assim, Fernandes (2007, p. 168) afirma que a semiótica "é a ciência que estuda a vida dos signos no interior da convivência social".

Nesse contexto, se alguma coisa significa algo para alguém, tudo se torna signo, partindo das coisas mais díspares até as mais difíceis, sendo assim, a semiótica tem a função de "classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis" (SANTAELLA, 2007, p. 29).

Peirce apud Matos; Oliveira & Cruz, 2011, descreve três categorias universais dentro da semiótica presentes em todos os fenômenos: primeiridade, a consciência imediata, que corresponde a "ver"; secundidade, a sensação, que corresponde a "atentar para"; e terceiridade, a tradução da percepção, que corresponde à mediação entre a primeiridade e a secundidade,

Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeiro, sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; em segundo lugar, consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo, de alguma outra coisa; em terceiro lugar, consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento (PEIRCE, 1974 apud MATOS; OLIVEIRA; CRUZ, 2011, p.7).

Para entendermos ainda melhor como foi trabalhada a semiótica na Obra em questão, podemos exemplificar que a segunda categoria universal de Peirce, “atentar para”, é o caminho mais correto para se compreender como a semiótica auxilia em desvelar agonias, preocupações, sensações, entre outros pontos em relação à floresta que é a fonte apego do “eu-lírico”. A semiótica, portanto, dá esse suporte extralinguístico para a compreensão do contexto em se insere o “Sermão”.

### 1.2.1. Os níveis do percurso gerativo

Os textos literários são expressividades e impressividades contextuais. Para Análise do Discurso, na Semiótica greimasiana, nos textos há um percurso gerativo de sentido e em níveis, pois refere-se ao plano de conteúdo de um texto e preocupa-se com o modo como o sentido nele é construído. Calcado na teoria da Semiótica Discursiva e em seu seguidor, tal como Fiorin (2002), objetivamos analisar o percurso gerativo de sentido “é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetíveis de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido.” (FIORIN, 2002, p. 17). Segundo o mesmo autor (1999, p. 3), ele se divide em três situações: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas. Para esta análise faremos a abordagem semiótica sobre os dois primeiros níveis de percurso: o nível fundamental e o nível narrativo.

**a) Nível Fundamental:** O primeiro dos três níveis do percurso gerativo de sentido é o fundamental, já que seu princípio fundamental é a transformação, visto que;

Compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que a vs b. Podem-se investir nessa relação oposições como vida vs morte, natureza vs cultura, etc. Negando-se cada um dos termos da oposição, teremos não a vs não b. Os termos a vs b mantêm entre si uma relação de contrariedade. A mesma coisa ocorre com os termos não a vs não b. Entre a e não a e b e não b há uma relação de contraditoriedade. Ademais, não a mantêm com b, assim como não b com a, uma relação de implicação. Os termos que mantêm entre si uma relação de contrariedade podem manifestar-se unidos. (FIORIN, 1999, p. 4)

Temos nesse caso, uma compreensão de que, do ponto de vista abstrato, há sempre uma relação de oposição, como por exemplo **mal x bem, morte x vida**, etc. deve-se levar em conta o discurso no contexto apontado pelo texto.

**b) No nível narrativo:** O segundo dos três níveis do percurso gerativo de sentido é o narrativo, que se constitui de:

1. Enunciado de Estar, que é o a relação do sujeito como objeto – esta com (conjunção) ou está sem (disjunção). Se temos um assalto, o bandido está em “conjunção” com o crime; ou se alguém perde a namorada ou esposa, ele está em “disjunção” com o amor.
2. Enunciado de fazer – quando o sujeito sofre transformações. No texto, ocorrem a Manipulação, a competência, o desempenho e a sansão.

A **manipulação** dá-se quando um sujeito é manipulado por outro a realizar uma ação, esse nível é subdividido em quatro partes: a *provocação*, que é quando o manipulador, “impõe a ação, exprimindo um juízo negativo a respeito da competência do manipulado”, a *Intimidação* é quando o manipulador “obriga por meio de ameaças”, a *Sedução* é quando o manipulador, “se leva a fazer manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado”, e a *Tentação* é quando o manipulador, “propõe ao manipulado uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo, com a finalidade de leva-lo a fazer coisa”;

O segundo sub-nível é a competência, que é quando o manipulador, “impõe a ação, exprimindo um juízo negativo a respeito da competência do manipulado” (FIORIN, 2011 p. 30); o terceiro sub-nível é a performance, quando “se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa” (FIORIN, 2011 p. 31), e o quarto sub-nível, é a Sansão, que é o reconhecimento por um sujeito de que a performance de fato aconteceu “nessa fase, distribuí-se prêmios e castigos. Nas narrativas conservadoras, o bem é sempre prêmio e o mal, punido” (FIORIN, 2011 p. 31), como afirma Oliveira;

No nível das estruturas narrativas, as categorias fundamentais são convertidas à ordem do fazer. Trabalha-se, então, com dois tipos de enunciados elementares: os de estado, em que um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto, e os de fazer, em que se opera uma transformação na relação entre sujeito e objeto: de disjunção para conjunção ou vice-versa. As operações de aquisição e de perda de objetos correspondem, respectivamente, à afirmação e à negação de valores no nível fundamental (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995, p. 77).

Na estrutura narrativa, mostra que os enunciados de estar e de fazer dentro dos textos, é possível verificar as conjunções/dijunções e as transformações entre o sujeito e objeto, tornando assim as análises mais simples através do percurso gerativo do sentido.

### 1.3 DA LITERATURA À TOPOFILIA

Neste artigo buscou-se relacionar objetos de estudos num texto literário que levassem a uma compreensão contextual e discursiva, através de alguns elementos. A obra em análise é O Sermão da Selva, de Max Carpentier, um dos grandes escritores da Literatura amazonense.

A Literatura é a arte de criar e compor textos e suas significações, e existem diversos tipos de produções literárias.

De acordo com Terry Eagleton,

Muitas tem sido as tentativas de se definir a literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido da ficção – escrita – esta que não é literalmente verídica. Mais se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura. Veremos que tal definição não procede. (2001, p. 01).

De fato, é difícil definir a literatura. É, segundo o autor, realmente uma arte da imaginação. Para Douglas Tufano (1990, p. 38), “Literatura é uma forma artística de representação da realidade”, ou seja, tudo o que se escreve com arte demonstra uma face da realidade.

A obra literária, “O Sermão da Selva” é do poeta Max Carphentier que é um autor amazonense. Ele pertence à Academia de Letras do Estado. Pertenceu ao Clube da Madrugada, movimento literário manauara, de meados do século XX, e é filiado à União Brasileira de Escritores do Amazonas – UBE/AM. Souza (2001).

A literatura amazonense é um laboratório de ações e expressões topofílicas. É necessário estar voltado para as percepções literárias.

A topofilia é um campo da ciência que orienta a percepção e apego a seu lugar. Para Y FU Tuan (2012, p. 19) “Topofilia é elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”. Muitos são os elementos topofílicos que podem estar nas obras literárias que a pesquisa vai investigar em O Sermão da Selva (1982) de Carphentier.

O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan é o principal representante dos estudos sobre a percepção ambiental. De acordo com esse autor, existem consideráveis diferenças na maneira como as pessoas percebem o mundo, ao ponto de considerarmos, pelas diferenças e preferências próprias de cada indivíduo, existem “mundos pessoais”, em que os conceitos e atitudes em relação à vida e ao meio onde se vive podem variar, pois refletem necessariamente percepções individuais, podendo mudar de acordo com a idade, sexo ou estrutura social por exemplo. (TUAN, 2012).

Conforme esse estudioso a quem é atribuído à origem do termo topofilia, Yi-Fu Tuan (1982, p. 143), “procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar [...]”. Nessa mesma concepção afirma



Oliveira (2016), que a topofilia, “É uma constatação e demonstração de identidade cultural a partir de seu espaço e local em que o ser humano transcende de si mesmo suas raízes, seu orgulho, seus valores e suas tradições, a usar e aplicar suas ações como sua cultura”. Oliveira (2016 p.38).

São os sentimentos, portanto, voltados ao meio que definem a existência de dois termos pertencentes ao campo da geografia humanista, ambos levantados por Yi-Fu Tuan de acordo com suas análises que chegou à conclusão sobre a topofilia, que diz respeito à familiaridade, apego ao lugar, e a topofobia, expressão essa conceitual na visão de Tuan que representa o inverso, tendo em vista que é o oposto de topofilia, tornando-se o lugar do medo ou da repugnância. A familiaridade, nesse sentido, “engendra afeição ou desprezo”, como pontua Tuan (1980, p. 114). Ou seja, topofilia (afeição) ou topofobia (desprezo).

### **1.3.1 Percepção e intertextualidade**

Os estudos de Tuan (1980), centrados no lugar, revelam que há tanto o apego quanto o horror, no que tange ao trinômio, seres humanos-lugar-natureza. Todavia, não é só na conjectura social que esses conceitos se manifestam; na arte, topofilia e topofobia podem também se apresentar.

De acordo com Tuan (2012), a percepção de um indivíduo em relação ao lugar onde vive ou a um lugar qualquer, além disso, pode ser influenciada por diversos fatores, moldado tanto pelo meio social como pelo meio físico, sendo que em qualquer uma destas formas, essa percepção estará condicionada principalmente às experiências e vivências anteriores que cada indivíduo traz consigo,

[...] a percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados [...]. (TUAN, 2012, p.18).

É interessante analisar que a obra de Carpentier, retoma um texto antigo, o bíblico. O autor usa as bases do texto cristão para desenvolver suas ideias literárias. Essa relação textual chama-se “intertextualidade”. Para Patrick Charaudeau & Dominique Maingueneau (2008, p. 288), “esse termo designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas que um texto ou um grupo de textos

determinado mantém com outros textos”. Na primeira acepção, é variante de interdiscursividade.

Então, a obra em discussão faz uma reflexão. Relaciona-se a outro discurso. E o discurso de Carpentier marca uma relação contextual, principalmente, com o espaço vivido, com seu ambiente, com seu local, trazendo concepção teórica da topofilia que é o valor ao seu espaço, para uma reflexão. Dentro dessas as percepções literárias, o discurso literário tem um campo conotativo de várias expressividades.

Diante da realidade atual do Brasil, na Amazônia, ou Médio Solimões, muitos temas estão em debate, e um deles é o do meio ambiente. Muitos textos estão carregados de reflexões sobre este tema.

Neste estudo observa-se em todo contexto da obra de Max, uma intertextualidade com o texto bíblico, o do ser supremo “Deus” em um diálogo entre a literatura e a teologia. A intertextualidade é um recurso realizado entre textos, ou seja, é a influência e relação que um estabelece sobre o outro. Assim, determina o fenômeno relacionado ao processo de produção de textos que faz referência (explícita ou implícita) aos elementos existentes em outro texto, seja em nível de conteúdo, forma ou de ambos: forma e conteúdo. Dessa forma, a intertextualidade é o diálogo entre textos, de forma que essa relação pode ser estabelecida entre, neste caso, as produções textuais. Temos então as seguintes relações:

#### LITERATURA – MAX CARPHENTIER

Bem-aventurados os que lastimam e que combatem  
o estender-se mortal do atacama vizinho. (CARPHENTIER, 1982, p.21).

#### TEXTO BÍBLICO

Bem-aventurado os humildes de espírito, por que deles é o Reino dos céus.  
(ALMEIDA, 1993, p. 1027).

Podemos observar esse escritor amazônico relacionando seu texto literário ao texto bíblico de salmos de louvor e de súplica (não ao pecado) expressa seus sentimentos diante da sua preocupação com a realidade amazônica, continuamente ameaçada pela destruição de seus recursos naturais (não à devastação). Ousando novamente a intertextualidade com a bíblia, podemos ver a semelhança com pureza da vida que Jesus levou e passou na terra com os seus seguidores ainda no livro de Mateus “Bem-aventurado os mansos, por que eles herdarão a terra”. (ALMEIDA, 1993, p. 1027).

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa teve uma sequência de atividades necessárias para o andamento. Optou-se pelo método indutivo que é uma preocupação em revelar e estudar elementos a partir de certas individualidades para uma realidade mais ampla.

A pesquisa foi bibliográfica que, para Lakatos e Marconi (2014, p.43-44), “trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”. Ou seja, a pesquisa bibliográfica é fundamental e serviu de instrumento de pesquisa no projeto, pois através das pesquisas e análises sobre as leituras de diversos teóricos, além disso, pôde-se conhecer um vasto campo de opiniões, cada qual com sua particularidade e de grande importância para temática abordada nesse artigo. Este estudo, sem dúvida, proporcionou um crescimento intelectual fazendo com que as informações contidas no projeto se tornassem mais consistentes com a realidade.

A abordagem foi fenomenológica com pressuposto qualitativo, para se conhecer a realidade dos fenômenos pesquisados, tendo em vista perceber os fenômenos semióticos e topofílicos na obra com pressuposto qualitativo que visa aos entendimentos do contexto ou da realidade pesquisada.

O desenvolvimento bibliográfico desta pesquisa foi feito a partir de teóricos que abordam sobre Análise do Discurso, Semiótica, Literatura e topofilia, além do estudo da obra de Max Carpentier da Literária Amazonense, pois o trabalho proposto teve como problemática os estudos literários e semióticos em que são conhecidos por fazerem parte da cultura humana, e ao mesmo tempo a Literatura é uma arte que nos traz verdades através de seu efeito artístico.

O “Sermão da Selva”, obra analisada, apresentou uma linguagem metafórica, e se constituiu em propor um trabalho diferenciado expresso neste artigo.

## **3. DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Nesse trabalho foram analisados os elementos discursivos de sentido na luz do percurso gerativo do sentido, através da semiótica textual, ou melhor, os elementos da análise do discurso. O discurso está nas falas e nas escritas.

De acordo com Guespin *apud* Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 169), “um estudo linguístico das condições de produção desse texto, fará dele um discurso”. Ou seja, o discurso é um ato de fala no contexto do falante.

A Análise do discurso faz-se presente para uma compreensão mais evidente da situação discursiva. O estudo semiótico do discurso, ou seja, o percurso de sentido analisado na obra se dividiu em dois, sendo o primeiro o fundamental e o segundo narrativo, que mostrou todo o processo analítico e investigativo no contexto da obra.

### 3.1 NÍVEL FUNDAMENTAL

No primeiro trecho poético, é possível adentrar-se a uma concepção do nível abstrato, uma ideia contrária. Segundo o poema, ocorrem algumas oposições discursivas. Descrevem-se dois momentos para análise nesse nível, no primeiro:

Bem-aventurado aqueles que lastimam e os que combatem  
 O estender-se mortal do Atacama vizinho,  
 Com seus dentes carpindo a cordilheira a oeste  
 E suas patas de chuvas evadidas  
 Ciscando fogo, foices da invasora  
 Branca fúria de sal no chão do Chile.  
 Por que esses, temendo o deserto, amarão a selva  
 Serão chamados a celebrar continuamente o verde,  
 E repousarão seus fardos sob sombras diversas,  
 E muitos frutos socorrerão a sua sede,  
 E seu espírito se comprazirá na abundância da terra. (CARPHENTIER, 1982, p.21).

Do ponto de vista das ideias abstratas, tem-se a seguinte oposição: “aqueles que lastimam e os que combatem”, “a celebrar o verde” (PRESERVAÇÃO) x “temendo o deserto” (A DESERTIFICAÇÃO). A primeira categoria é eufórica, positiva; a segunda, é disfórica, negativa.

Nessa citação, podemos observar o jogo de palavras, à força que o eu lírico passa para que combatam o desmatamento, “os que lastimam (...) e os que combatem”, isso é positivo e na análise semiótica no nível fundamental é eufórico e topofílico na visão do apego a selva, “O estender-se mortal do Atacama vizinho” é negativo e disfórico nessa visão investigativa. Na sequência da investigação, foi possível observar a segunda parte o trecho destacado que diz que a selva não se torne o deserto do “atacama vizinho”, ou seja, o deserto do Chile, isso é disfórico e negativo, o medo de que a floresta não se torne o deserto do Chile, a topofobia está presente nessa análise, de desapego ao lugar.

Isso está de acordo com o que refere à ideia abstrata de oposição conforme Fiorin (2011, p. 21-22), quando aponta que “Uma categoria semântica fundamenta-se numa diferença de oposição”.

Nessa ótica de preservar, estamos diante de um processo de topofilia, o apego ao lugar. O eu-lírico tem o desejo de preservar a floresta. Para Y FU Tuan (2012, p. 19) “Topofilia é elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”.

Noutro ponto do poema, fica clara outra ideia de oposição, ou seja, o percurso gerativo de sentido no nível fundamental. Cita-se o trecho:

Por esses vós sereis respeitadas, árvores mansas,  
Porque sois companheiras de séculos; como então  
rapidamente extingui-vos nesse genocídio  
da seiva lagrimando em caules abatidos? (CARPHENTIER, 1982, p.25).

Percebeu-se na obra, que o respeito às “árvores mansas” é dar chance à VIDA, por outro lado, a extinção, “o genocídio da seiva lagrimando em caules abatidos” é sinal da MORTE, da floresta. No primeiro caso tem-se uma concepção positiva, “eufórica”, e no segundo, um pensar negativo, “disfórico”.

Nessa relação homem x natureza, traz-se a concepção da topofilia, do apego ao lugar, na preocupação muito forte do autor com a natureza, ou seja, a selva na questão da preservação. Nessa passagem da obra, “Por esses vós sereis respeitadas, árvores mansas, porque sois companheiras de séculos” (CARPHENTIER 1982, p. 25). É topofílica essa expressão, é uma afeição ao lugar.

### 3.2 NÍVEL NARRATIVO

Para sequenciar a análise, foi feita a investigação no nível narrativo. Em que nesse nível, pôde-se detectar um sujeito assumindo a narração e simulando a história.

A narrativa é uma ordem de enunciados, ou seja, o enunciado de estado, em que se encontram as ações e os estados (conjunção e disjunção), e o enunciado de fazer, são os que mostram as transformações de um estado a outro. Nesse campo narrativo, o analista vai descrever o processo de “estar com”, “estar sem” ou as transformações que podem ou não ocorrer no texto. No texto, é possível verificar que o eu-lírico está em “conjunção” com a preservação da floresta. E a preocupação do eu lírico é com os que estão em disjunção com a selva, através da desertificação, quando o eu-lírico diz: “Bem-aventurado aqueles que

lastimam e os que combatem o estender-se mortal do Atacama vizinho” (CARPHENTIER, 1982, p.21).

Para Fiorin, “[...] enunciados de estado: são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção e conjunção) entre um sujeito e um objeto (...), enunciados de fazer, são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado a outro” (2011, p. 28).

Do ponto de vista da transformação, no “enunciado de fazer”, identificaram-se os quatro níveis na obra em análise: manipulação, em que um sujeito é manipulado por outro a realizar uma ação; e esse nível é sub-dividido em quatro sub-níveis: Tentação, provocação, sedução e intimidação; na sequência vem a competência, em que o sujeito manipulado, precisa querer fazer/saber fazer para realizar ação; performance, em que o sujeito realiza a ação e sanção, em que o sujeito recebe uma recompensa (sanção positiva) ou uma punição (sanção negativa) pela realização da ação.

### 3.2.1 Fases da manipulação

**a) Manipulação por tentação** é quando o manipulador, “propõe ao manipulado uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo, com a finalidade de leva-lo a fazer coisa” (FIORIN, 2011 p. 30), foi identificado ainda no primeiro texto da obra, “Bem-aventurados (...) os que combatem (...) e repousarão seus fardos sob sombras diversas (...) e seu espírito se comprazirá na abundancia da terra” (CARPHENTIER 1982, p. 21), esse processo é conjuntivo, pois a beleza e o esplendor da natureza causou esse “fazer o bem” a selva, ou seja, aproximou o eu lírico para uma topofilia de amor ao ambiente e apego ao lugar.

**b) Manipulação por intimidação** é quando o manipulador “obriga por meio de ameaças” (FIORIN, 2011 p. 30), ou seja, por parte do eu-lírico.

E suas patas de chuvas evadidas  
Ciscando fogo, foices da invasora  
Branca fúria de sal no chão do Chile.  
Por que esses, temendo o deserto, amarão a selva (CARPHENTIER 1982, p 21).

Pôde-se identificar através desse processo de investigação a intimidação “Por que esses, temendo o deserto” (CARPHENTIER 1982, p. 21), em que, o eu lírico ordenou, ou você salva a floresta, ou ela vira deserto. Analisou-se que ocorreu uma conjunção com a preservação, pois “amarão a selva” teve o sentido de apego ao lugar, isso é topofilia.

Contudo, nem sempre a manipulação é bem-sucedida, visto que para que o seja, dependerá da colaboração dos dois sujeitos para com o objeto. Pode ocorrer de o sujeito a ser manipulado não se deixar manipular, “recusa-se, assim, a participar do jogo do destinador, pela proposição de um outro sistema de valores. Só com valores diferentes o sujeito se safará da manipulação”. (BARROS, 2005, p. 35). No caso de *O Sermão da Selva* isso não aconteceu, pois o eu-lírico se interessou pela proposta de convencer, nesse trecho através da intimidação, o leitor a cuidar da floresta, que é seu pedido, pedido esse cauteloso, mais ao mesmo tempo intimidador, ao usar uma comparação direta com o ser supremo.

**c) Manipulação por sedução** é quando o manipulador, “se leva a fazer manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado” (FIORIN, 2011 p. 30). Por exemplo, em, “Por que esses, considerando o deserto, respeitarão a selva e participarão da festa de suas cores soltas na flor que arde contrita em sua missão de aroma, na asa que equilibra música nos ramos” (CARPHENTIER, p. 31).

Esse direcionamento é conjuntivo, vindo do “profeta” na obra, pois identificamos novamente essa conjunção com o “bem”, em recompensa a festa, “flor” com “aroma”, música nos ramos, comprovando a presença da topofilia nesse processo de sedução.

**d) Manipulação por provocação** é quando o manipulador, “impele a ação, exprimindo um juízo negativo a respeito da competência do manipulado” (FIORIN, 2011 p. 30). Nessa análise provocativa, foi possível identificarmos na obra, “Desses o galardão maior será a vitória” (p. 41), o eu-lírico provoca o leitor com a intuição da vitória, ao ser confrontado com as suas profecias de guardar a selva. Sendo que, no contexto verificado, foi possível identificar os resultados, de acordo com as promessas do eu-lírico “e as canoas fartas levando os seus pomares”, sendo analisado como conjuntivo.

### 3.2.2 Fase da competência

Nessa fase, “o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa que é dotado de um saber e/ou poder-fazer” (FIORIN, 2011 p. 30), ou seja, de um *querer-fazer*, de um *dever-fazer*, de um *saber-fazer* e de um *poder-fazer* que tornará possível a ação. A investigação minuciosa detectou o sacrifício em socorrer na selva os animais que precisam de ajuda, ao evitar qualquer tipo de transtorno que venha ocorrer no meio da floresta, e por que não dizer no meio animal, como mostra a citação:

“Bem-aventurados os que socorrem a fauna sacrificada e salvam da extinção cantos indispensáveis belos saltos de cor, imponência felinas e todas as claras provisões de ternura animal que a magnífica fonte espalhará na selva” (CARPHENTIER, p. 47).

Pôde-se observar ainda nesse campo investigativo, que essa competência só foi possível, porque a ação partiu de quem queria, devia, sabia e podia fazer o bem, para então assim, poder gerar essa ação, nessa fase, isso é conjuntivo. Pois a conjunção com a competência está presente na obra em análise.

### 3.2.3 Fase da performance

É quando “se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa” (FIORIN, 2011 p. 31). Ela é “a representação sintático-semântica [...] da ação do sujeito com vistas à apropriação dos valores desejados” (FIORIN, 2011 p. 31), na qual acontece a transformação principal do texto: “Como então rapidamente extingui-vos nesse genocídio da seiva lagrimando em caules abatidos?” (CARPHENTIER, p. 25). Aqui acontece a transformação ao cortar a árvore, em que a mesma passa do estado (*intacta*) em conjunção com vida para o estado de devastada (*cortada e morta*) disjunção com a natureza, com a vida “lagrimando em caules abatidos”, causando assim a topofobia (o desprezo), algo que é o oposto da topofilia que diz respeito à familiaridade, trazendo à tona essa oposição de apego ao desapego, que representa o inverso, uma aversão, tornando-se o lugar do medo, da repugnância.

### 3.2.4 Fase da sanção

É a última fase que pode ser tanto cognitiva quanto pragmática. É o reconhecimento por um sujeito de que a performance de fato aconteceu “nessa fase, distribuí-se prêmios e castigos. Nas narrativas conservadoras, o bem é sempre prêmio e o mal, punido” (FIORIN, 2011 p. 31). Em algumas análises é importante perceber, nela que as mentiras são desmascaradas, os segredos são desvelados, etc. A sanção pragmática pode ou não ocorrer. (FIORIN, 1999, p. 5).

Da análise da obra, a sanção não ocorreu em sentido direto. Não é concomitante, mas expectativa, pelas exposições. No discurso do último canto, da última parte do livro, há uma esperança positiva e fica o alerta.

Percebemos que o eu-lírico deixou conseguir o que queria, ou seja, tornou visível essa realidade de não preservação ambiental e desmatamento exagerado em nossa floresta



amazônica. Pôde-se notar ainda com a análise em questão, um amor exagerado pela selva, com impulsos de ordens, mais também de amor e mansidão quando diz:

“Selva de cujos vasos o branco sangue do látex é derramado por nós para remissão do homem” (CARPHENTIER, p. 35)

Por esse motivo, o trecho fala que o sangue representado pelo leite da seringueira, e a remissão do homem, por se beneficiar com a comercialização da borracha. Aqui aconteceu a realização da sansão, pois ocorreu uma recompensa, ou seja, o prêmio para quem preserva é o precioso sangue da seringueira para o objetivo maior do homem amazônica. Como afirma Oliveira (2016):

“O local, o espaço vivido e suas peculiaridades, subjetividades e a paisagem constituem-se de valores ambientais que se repercutem nos anseios criativos dos autores”. (2016, p. 37).

Valores esses que o eu lírico transmite no decorrer da obra suplicando a preservação da selva e o apego a ela. No trecho acima citado, foi possível analisar que o eu lírico está em apego ao meio ambiente, isso é topofilia. Esse processo é um processo conjuntivo no trecho da obra acima supracitado, “derramado por nós para remissão do homem” (CARPHENTIER, p. 35), em que o homem amazônico está em conjunção com o processo legal de produção da floresta, ou seja, respeitando a natureza e seus princípios.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao se concluir o trabalho, após as diversas leituras e reflexões, percebeu-se que as questões norteadoras foram seguidas e os objetivos alcançados. A linguagem, a cultura e a história se envolvem no valor pelas linguagens e entidades da floresta e sua importância para a vida humana.

O estudo mostrou que, por meio da semiótica, puderam-se extrair informações que muitas vezes passam despercebidas pela literatura de olhar superficial, pois é necessária a percepção, diante de uma imagem, como ideologias, culturas, discursos, entre outros. Comprovou-se que o texto de do autor faz um chamamento à preservação. Temos que ter apegos e salvar a floresta.

Através do percurso semiótico, o estudo foi importante para verificar a importância de se compreender os conceitos que nem sempre são abordados ou percebidos dentro de um texto literário, se este for tratado de modo isolado. A semiótica traz à tona informações que geralmente pretendem causar algum efeito no leitor sem que o mesmo as perceba totalmente.

Esse trabalho é um passo, estimulando o estudo, que através da semiótica e os níveis do percurso gerativo do sentido, fundamental e narrativo, pode continuar gerando discussões, numa evolução que não pode ter fim. Esse é um estudo que ficará aberto a contribuições e críticas e novas reflexões.

Esse estudo não foi somente importante para os acadêmicos de Letras, mais para os alunos das áreas das Humanas e Exatas. Pois além de atravessar e conectar campos diferentes através do saber literário e geográfico com a topofilia que é o “apego ao lugar”, despertou e despertará no leitor deste artigo a necessidade da preservação da selva.

Na conclusão deste artigo, foi possível perceber as preocupações sociais e ambientais com a selva. Se não houver a preservação, os agricultores que comercializavam ontem, e comercializam hoje a castanha, açaí, peixe, ou seja, que sustentam as suas famílias; futuramente enfrentaram grandes problemas, o qual serão punidos com lagos poluídos, desmatamentos com a não preservação da selva. Os filhos, netos, e bisnetos dos agricultores de hoje, o futuro não poderão desfrutar da magnífica e saldável floresta Amazônica. Por outro lado, se houver a preservação, o contexto será totalmente positivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

CARPENTIER, Max. **O Sermão da Selva**. 2ª Edição Manaus. Edição da UBE-AM, 1982. 56 p. ilustr. Literatura – Poesia I. Título.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

D.E.L.T.A., vol.15, nº 1, 1999, p.177-207.FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. São Paulo. Yendis Editora, 2008.

EGLEATON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra ; [revisão da tradução João Azenha Jr. ]. – 4ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Ensino Superior).

FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. dos. (orgs.) **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva**. Revista

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. 15ª Ed. - São Paulo: Contexto, 2011.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos – 7. Ed. – 9. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2014.

MATOS, E. S.; OLIVEIRA, E. S. G.; CRUZ, F. O. **Currículo e tecnologia: do raciocínio semiótico abduutivo em Peirce aos conhecimentos prévios em Vygotsky**. *Revista e-curriculum*. São Paulo, v. 7 n. 2, ago. 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/6774/4901>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de; LANDOWSKI, Eric. **Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas**. São Paulo: EDUC, 1995.

OLIVEIRA, Manoel Domingos de C. **A TOPOFILIA E A TEORIA DA PERCEPÇÃO EM MIA COUTO E ÉLSON FARIAS: (METÁFORAS DE) REPRESENTAÇÕES DO LUGAR, DO ESPAÇO E DA IDENTIDADE DE MOÇAMBIQUE E AMAZONAS**.

Dissertação de Mestrado em Ciência da Cultura na Universidade de Trás-Os-Monstes e Alto Douro – UTAD, Portugal, Mimeo, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005a.

\_\_\_\_\_. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTOS, A. C. dos; NEVES, P. H.; TOSCANO, A. L. F. C. **O uso das cores na construção de sentido do discurso publicitário**. *REC: Revista Eletrônica de Comunicação*, 6 ed. jul-dez, 2008.

SOUZA, Afonso Araújo de. **Síntese de uma literatura cabocla amazonense**. 3. Ed. Manaus, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (trad.) Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.288 p.

\_\_\_\_\_. **Geografia Humanista**. In: CRISTOFOLETI, Antonio. (Org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL 1982.

\_\_\_\_\_. **TOPOFILIA, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Língua e Literatura**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1990.